

# *Toda a vida vivida*

• CARLOS MENDES DE SOUSA •

## I

O título do meu texto é uma citação de Sophia de Mello Breyner Andresen encontrada num dos seus contos, “Praia”, que biograficamente recorta um tempo preciso: os dias da juventude passados na praia da Granja. Em entrevistas e em testemunhos autobiográficos, Sophia refere um dos seus grandes amigos, José Zarco da Câmara, o conde da Ribeira Grande, como inspirador e personagem deste seu texto de *Contos exemplares*. Encontramos no arquivo de Sophia (Biblioteca Nacional de Portugal),<sup>1</sup> um dos primeiros esboços deste conto que recria a vivência das noites de verão num clube da Granja, a Assembleia. O esboço é antecedido de um relato na primeira pessoa, situado na célebre casa onde, desde a infância, Sophia passava as longas férias do verão. A vivência do espaço apresentada no fragmento aproxima-se daquilo que, alguns anos mais tarde, aparecerá no maravilhoso texto “A casa do mar”.<sup>2</sup> Contrariamente à dominante claridade diurna deste conto de *Histórias da terra e do mar*, no fragmento acima referido há uma preponderância da claridade lunar: “Naquela noite quente de verão o mar estava espantosamente azul e tudo sob o luar parecia magnetizado e suspenso. Todas as noites eu ficava muito tempo na varanda.”<sup>3</sup> Um curto parágrafo destaca a presença do relógio que bate as horas dentro da casa. O movimento para o interior é profundamente marcado pela exaltação que o exterior (o mar) oferece e que conduz à suspensão do tempo e da morte: “Julgava ter em frente um prazo ilimitado de demora suspensão e escolha. // Dentro do quarto reinava a felicidade do verão. As paredes eram caiadas, o chão esfregado. Cheirava a coisas

<sup>1</sup> Agradeço a Maria Andresen de Sousa Tavares, responsável pela organização do espólio de Sophia, a autorização para consultar e trabalhar o material deste acervo. Agradeço igualmente à doutora Fátima Lopes, da Biblioteca Nacional de Portugal, o apoio dada na referida consulta.

<sup>2</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “A casa do mar”, in *Histórias da terra e do mar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 71-84.

<sup>3</sup> “Naquela noite quente de verão” incipit, Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen, Biblioteca Nacional de Portugal.

limpas a mar e a cravos. // Os homens procuram a felicidade – diz-se. Eu creio que a encontrei ali, naquele tempo em que eu vivia com tudo. E o mundo parecia aceso e povoado de presenças translúcidas.”

Parto daqui para inscrever a minha intenção de leitura em torno de um sentido óbvio: a obsessiva busca da unidade que, em Sophia, coloca a vida no centro dessa demanda. Lemos num dos seus últimos poemas (publicado na revista *Relâmpago* e integrado na *Obra poética*): “Quem me roubou o tempo que era um / quem me roubou o tempo que era meu / o tempo todo inteiro que sorria / onde o meu Eu foi mais limpo e verdadeiro / e onde por si mesmo o poema se escrevia.” Do primeiro ao último livro (seja poesia, ficção ou ensaio) impõe-se o extremo sentido de unidade. Em “O jardim e a casa”, que integra o primeiro livro, *Poesia*, já líamos: “Trago o terror e trago a claridade, / E através de todas as presenças / Caminho para a única unidade.”<sup>4</sup>

É nesta linha que Sophia, quando conhece Ruy Cinatti, o entrevê como um “guru”. Porque “mestre é aquele que reconhece a unidade entre a poesia e a vida.”<sup>5</sup> Uma das mais poderosas recorrências na obra da poeta é justamente essa aspiração: “Nem deixes que o poema te adie ou divida: mas que seja / A verdade do teu inteiro estar terrestre”.<sup>6</sup>

## II

Existe em Sophia uma tensão dialéctica determinante: uma obra que se pretende liberta do tempo e dos espaços, mas que está intrinsecamente ligada ao tempo transcorrido, à vivência dos lugares. Sendo das mais depuradas, no seu recorte clássico, a obra é, em simultâneo, das mais intensamente centradas em vivências pessoais da autora. Uma paisagem mitológica torna-se-nos familiar a partir dos lugares recorrentes. Nesse quadro, as casas assumem um particular relevo. No conto “O silêncio”<sup>7</sup> é espantosamente fotográfico o quadro referencial que nos leva ao reconhecimento da casa da travessa das Mónicas. Joana, a protagonista (curiosamente um nome repetido em muitos esboços ficcionais inéditos, onde se pode entrever um alter-ego de Sophia), integra uma ordem que a qualquer momento pode sofrer um abalo.

<sup>4</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *Poesia*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 56.

<sup>5</sup> “Cinatti”, Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

<sup>6</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “À casa térrea”, in *O nome das coisas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2015, p. 64.

<sup>7</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “O silêncio”, in *Histórias da terra e do mar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 61-68.

Com efeito, a união do ser com o universo não anula a dimensão misteriosa e violenta do real. A primeira parte do livro *Dual* (intitulada “A casa”)<sup>8</sup> é a impressionante dicção de uma ferida – a morte da mãe (em novembro de 1967); a perda insta o contínuo movimento para a recuperação que encontra na poesia o impulso redentor. Numa carta a Jorge de Sena, de 31 de dezembro de 1967, um mês depois, escreve: “A minha Mãe estava para mim ligada à raiz de coisas essenciais: é uma das raras pessoas que aparece nos três primeiros livros onde quase só há árvores e praias”.<sup>9</sup> Encontramos diversos testemunhos de Sophia, no ano de 1968, que dão conta do abalo e também da crença de que a poesia “ajuda a viver no eterno”.

A centralidade da figura materna é explicitada num apontamento inédito escrito em francês que começa assim “Lainé était beaucoup plus agé que moi (...)”<sup>10</sup>. Aí se lê: “A minha Mãe foi para mim um modelo humano exemplar absoluto. A sua inteligência era íntima e maravilhosamente justa. // Eu vivia num meio onde se falava muito pouco de política. A minha Mãe foi a primeira pessoa que me ensinou o dever da justiça e o dever da revolta. E foi ela que me ensinou a desprezar o fascismo e a desprezar a falsidade dos valores oficiais. // Os dois amigos a quem eu lia os meus poemas [António Cález e José Zarco da Câmara] e a minha Mãe influenciaram profundamente a minha adolescência. Eles foram a minha universidade real. Eles foram os meus Sócrates.” (tradução livre).

O poema é na origem a afirmação de um dizer que ancora numa linha materna em que se destacam figuras fundadoras: Laura, a criada associada ao momento inaugural da descoberta da poesia de tradição oral (importa lembrar também que Laura ficou com a letra igual à da mãe de Sophia, que a ensinou a escrever); o avô materno, que a levou a decorar Camões e Antero; José Zarco da Câmara, o amigo mais velho a quem, na juventude, lia os poemas que escrevia e que era próximo da mãe. Todas as presenças vão ter a esse lugar que expande a voz (e a letra) da mãe. *A menina do mar* partiu de uma história que lhe fora contada pela mãe; e na infância, no Natal, a história dos Reis Magos, tão importante no imaginário de Sophia, era-lhe contada pela mãe, enquanto o pai fazia o presépio, na rua António Cardoso, antes de se

<sup>8</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “A casa”, in *Dual*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 19-26.

<sup>9</sup> *Sophia de Mello Breyner Andresen & Jorge de Sena. Correspondência 1959-1978*, Lisboa: Guerra & Paz, 2006, p. 97.

<sup>10</sup> “Lainé était beaucoup plus agé que moi” [incipit], Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

dirigirem para a ceia na casa da avó, na quinta do Campo Alegre, ali ao lado. E sabe-se também da importância da biblioteca de Maria Amélia de Mello Breyner Andresen na formação de Sophia.

### III

“A casa do mar”<sup>11</sup> é uma das mais extraordinárias figurações do poético na obra de Sophia. A narração na terceira pessoa implica um distanciamento que, paradoxalmente, comporta uma intensificação. O uso do presente do indicativo aponta para um reforço da intemporalização, levando a cena para fora do tempo contingente. A culminação manifesta-se num assinalado processo de transferência – a casa anima-se e, nesse processo, conforma-se a própria figuração da poeta e da poesia: “aberta e secreta, veemente e serena”, “atenta a cada coisa”. É do aposento onde se adivinha a presença da mãe que se passa para o quarto onde o perfume dos cravos na jarra se funde com o cheiro do mar. É aqui que, na mesa, emergem os poemas dentro dos cadernos de capa de oleado preto.

Existem vários planos que importa considerar em torno do propósito revisitador, de âmbito memorialístico. É a Granja que abre para o mundo dos jardins da casa do Campo Alegre. Existe um obstáculo, na história da família: a casa grande foi fechada, e, no entanto, a barreira transforma-se em abertura: “cada quarto parecia o palco duma tragédia que na verdade acontecia”<sup>12</sup>. O problema (a despossessão da casa) configura um dos caminhos que leva ao encontro com a poesia: a casa passa a ser celebrada no seu exterior. Habitar a casa passa a ser vivê-la poeticamente do lado de fora: “Agora a casa estava fechada, inabitada. Ver as suas altas janelas com as portadas fechadas por detrás dos vidros era para mim sossego e liberdade. Agora eu entrava livremente pelo portão de ferro e a quinta deserta era minha, era o meu reino. A casa dormia o sono dum dragão que não me tinha devorado, e eu caminhava cá fora, no mundo do exterior, no mundo exposto ao sol e ao vento, no mundo das coisas nuas que se mostram, no mundo em que eu acreditava, no mundo que era para mim a verdade, no mundo com o qual eu queria ser um.”<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “A casa do mar”, in *Histórias da terra e do mar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 71-84.

<sup>12</sup> “A casa estava fechada há já três anos” [incipit], Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

<sup>13</sup> Id. *Ibid.*

Em *O nome das coisas*, o poema “O palácio” traduz essa realidade tensiva.<sup>14</sup> E todas as aparições da casa desmesurada conduzem à ultrapassagem do aprisionamento. É o que acontece no livro *A noite de Natal*:<sup>15</sup> a presença salvífica está do lado de fora; ou em “Saga”, onde caminho que se impõe é o da abertura: o cais, o mar.<sup>16</sup> É por isso que no universo de Sophia é da Granja que tudo parte. No pequeno microcosmos é revelada a imensidade. Nos anos 1950, Sophia confessava a Alberto Lacerda que aquilo que ela apreciava na sua própria poesia era o ter captado um pouco do que é a Granja.

A habitação plena ocorre quando se abre o espaço, quando a casa se funde com a natureza, quando por fim os jardins, a quinta, os pinhais, se encontram com o mar. Se, por um lado, a memória sustenta a criação de grande parte da obra poética de Sophia, por outro lado, a rememoração assume também uma notável expressão explicitadora nos textos narrativos da autora. Num relato autobiográfico sobre a Quinta do Campo Alegre, Sophia enquadra o belíssimo poema “Paisagem”, do seu primeiro livro,<sup>17</sup> numa leitura que não o restringe mas que o suplementa, reforçando a dimensão fusional que admiravelmente traz o mar para o jardim. O mar torna-se presente e a clareira devém figuração da paisagem poética primordial:

Na clareira do pinhal cresciam cerrados os fetos que em pequena me chegavam aos ombros e formavam uma grande massa verde ondulada, onde eu e os meus irmãos pretendíamos tomar banho de mar. Mergulhávamos nos fetos como em ondas, fingíamos nadar, o que nos divertia infinitamente e me punha em grande estado de euforia – saltávamos, ríamos, mergulhávamos entre as folhas ásperas dos fetos, rente ao perfume da terra. Lá em cima baloiçavam as grandes copas dos pinheiros mansos. De repente passavam bandos de pássaros. Estalavam ramos, tudo estava cheio de murmúrios. Ao longe agitava-se o mar brilhante e o friso branco das espumas. Tomar banho nos fetos do pinhal como tomar banho de mar na praia, era a nossa união com a fidelidade do terrestre.<sup>18</sup>

<sup>14</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “O palácio”, in *O nome das coisas*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2015, p. 45-46.

<sup>15</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *A noite de Natal*, Porto, Figueirinhas, s/d.

<sup>16</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “Saga”, in *Histórias da terra e do mar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 87-123.

<sup>17</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “Paisagem”, in *Poesia*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 54.

<sup>18</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “A casa desmedida”, *Revista Ler*, dez. 2012, p. 37.

Esta mesma imagem aparece num dos livros para crianças, onde fabulosamente encontramos a descrição destes jardins, do parque e do pinhal, transportados para uma esfera maravilhosa e interventiva. Refiro-me ao livro *A floresta*. No início do texto, no quadro da extraordinária expressão poética e rítmica da prosa de Sophia, é-nos dito que a protagonista, Isabel, “caminhava entre o trigo, que era como um doce mar, aéreo e leve”.<sup>19</sup>

#### IV

Num pequeno texto intitulado “Falar do que vi”, ao apontar coisas que foram essenciais à sua arte, Sophia convoca a metáfora da casa, quando rememora o primeiro encontro com a poesia de Camões, pela mão do avô materno, Thomaz de Mello Breyner. A aprendizagem da língua é indissociável desse encontro com a poesia, entrevista como casa dos sons: “Camões parecia-me um palácio de vidro, transparente luminoso atravessado por uma luz doirada. (...) A linguagem de Camões, a sua musicalidade, a sua nitidez, a maravilhosa modulação das vogais confundiram-se para mim com a própria língua que falo.”<sup>20</sup>

Remontando a esses primeiros anos da revelação da poesia, importa dar conta de um testemunho que não aquele que, na primeira pessoa, Sophia nos revela em impressivas artes poéticas. Trata-se de um singular ponto de vista exterior. Poucos hoje conhecerão o nome e a obra de Maria Madalena Martel Patrício. É muito acertada a afirmação de Eduardo Lourenço, quando refere em algumas entrevistas que, quando muito, o que ficará de quase todos nós é uma simples nota de rodapé. Quando se dá o caso de ficar. Sobre esta autora a nota – que mesmo assim escapará, pois talvez tenha sido necessário um artigo há algum tempo no jornal *Expresso* a lembrá-lo, para de novo sobre ela cair o véu do esquecimento – é o facto de ter sido a única mulher portuguesa nomeada (14 vezes!) para o Prémio Nobel da Literatura. Madalena Martel Patrício escreveu uma crónica sobre Sophia que foi publicada no Jornal *O Comércio do Porto*. O que causa espanto, desde logo, é a data: 20 de dezembro de 1924. Sophia tinha cinco anos acabados de fazer. A crónica recebe o nome “A Chicha” (o “petit nom” de Sophia) e é dedicada a “Maria de Mello Breyner Andresen, mãe da Chicha”.

Poder-se-ia pensar num retrato meramente exterior, de feição mundana, numa secção com o título “Mulheres e crianças”. Sim, não deixa de o ser, mas é

<sup>19</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *A floresta*, Porto: Figueirinhas, s/d, p. 5.

<sup>20</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “Falar do que vi”, *Revista Ler*, ago-set 1990, Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen (BNP).

muito mais do que isso. Não deixa de o ser porque o retrato da criança é o retrato de uma neta dos condes de Mafra; o recorte de jornal arquivado por Thomaz de Mello Breyner tem uma dedicatória manuscrita da autora: “Para os meus amigos condes de Mafra”.<sup>21</sup> Lateralmente, pela letra do avô de Sophia, encontramos esta nota: “Esta ‘Chicha’ ou ‘Xixa’ aqui celebrada com bondade, talento e carinho pela cultíssima D. Maria Magdalena Trigueiros de Martel Patrício vem a ser uma das minhas netas, a mais velha do Porto.” Dado tratar-se de um texto muito pouco conhecido e bastante revelador do ponto de vista do seu contributo para a biografia poética de Sophia, gostaria de lhe dar aqui um particular destaque em duas citações extensas.

Sublinho alguns aspectos que suscitam atenção. Sobre a criança de que se fala recai uma projecção iluminadora, quando a crónica é lida hoje, na distância dos anos, depois de conhecido o percurso da poeta. Poder-se-á falar de uma espantosa e clarividente antevisão. A criança não aparece a declamar poemas, de modo convencional, abrilhantando saraus ou reuniões familiares, na linha dos salões do século XIX. O retrato mostra um processo criativo em termos muito expressivos. Antes de tudo, o destaque dado ao olhar e ao fascinado modo de encontrar a beleza das coisas: “a Chicha é poetisa... é poetisa sem fazer versos porque há muitos poetas que não fazem versos e muita gente que faz versos e não é poeta! // A Chicha sabe ver com os seus grandes olhos azuis a beleza das coisas. A Chicha olha para o céu, para o mar, para a chuva caindo crepitante nas vidraças, para os pinhais, para uma jarra de faiança com as últimas rosas do outono, para uma colcha antiga estampada de passarões coloridos em fundo azul, e com os seus grandes olhos azuis profundos e sonhadores apreende a beleza, o encanto, a graça, o mistério das lindas coisas que viu (...)”. Seguidamente, é-nos dado a ver o processo da criação, o dizer poético, pela via da concentração: “Esconde então a cabecinha nas mãos para não ser distraída na sua meditação e vai compondo, à maneira de uma composição musical, a que servem de *leit motifs* as coisas que impressionaram os seus olhos e a sua almazinha, um poema em prosa. // Recita-o, alheia à gente crescida que a rodeia, recita-o para ela, com o dedinho indicador marcando no ar o compasso da sua prosa, com os olhos azuis vagueando longe do mundo, embalando-se na sua vozinha arrastada a que ela tenta dar uma entoação de verso e de canção (...) // Na composição dos poemas da Chicha, entram como motivos obrigatórios fadas vestidas de platina e setim, flores, o céu, o mar, criancinhas pobres esfarrapadas, chuva muito escura, santos e anjinhos.

<sup>21</sup> Agradeço ao Prof. Doutor Gonçalo Vasconcelos e Sousa, o ter-me dado a conhecer este documento do arquivo de D. Thomaz de Mello Breyner e a sua cedência para ser aqui apresentado.

// Nos seus poemas a que podemos também chamar manchas da pintura de um esquisito futurismo, há sempre bocados de histórias que ela ouviu contar, de versos que lhe leu a mãe, de estampas do Abezinho, de frases e de palavras que a impressionaram e lhe ficaram no ouvido.”

Num texto em que fala dos “diversos entendimentos da poesia” por si partilhados ao longo da vida, Sophia detém-se, a dada altura, numa memória dos tempos da aprendizagem no Colégio, para destacar uma anotação feita num dos cadernos escolares, acrescentando-lhe, no presente da escrita, uma frase de Francis Ponge. Estas frases dialogam com o retrato feito por Madalena Martel Patrício, complementando-o numa leitura totalizadora sobre o modo de entender, vivenciar e criar o poema: “Quando eu era muito nova, ainda estava no Colégio, escrevi em latim, no meu caderno de latim: ‘Opus est mihi versus face-re ne fa scire quod’. É-me necessário fazer versos, é-me vedado saber porquê. // Ao fim de muitos anos continuo fiel a estas palavras que não são argumen-to nem teoria nem definição mas só constatação. // Apenas lhes acrescentarei uma frase do poeta francês Ponge a qual frase também não é definição nem argumento mas só constatação: ‘A diversidade do mundo exterior é aquilo que me constrói’.”<sup>22</sup>

A afirmação da beleza é encontrada na amplidão – numa sintonia absoluta com a respiração infinita do universo. O que parece ser um propósito de pendor romântico tem um alcance muito vasto, que visa uma totalização, uma busca de unidade essencial perseguida pela via da despersonalização: “Eu penso que todo o poema é dado por uma atenção que é atenção ao mundo e não atenção a nós próprios. A arte é um espelho mas onde o artista vê não o seu rosto mas aquilo que viu e que lhe é exterior.”<sup>23</sup>

## V

Num dos muitos textos sobre a sua memória do Porto, Sophia refere que foi nesta cidade que, na “ilimitada disponibilidade interior da adolescência”, sonhou “as cidades distantes”.<sup>24</sup> O impulso da viagem confere à obra um sentido de abertura que se manifesta desde o princípio e que amplamente projecta o desejo de integração da palavra na *physis*. Também aqui encontramos episódios e relatos fundadores. Veja-se o acesso privilegiado ao escritório do avô materno, neste caso em Lisboa, “um lugar de espanto e maravilhas”, onde

<sup>22</sup> “Na realidade creio que todo o artista só consegue escrever” [incipit], Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

<sup>23</sup> Id. Ibid.

<sup>24</sup> “Nasci no Porto” [incipit], Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

a impressionavam os mapas e um grande globo terrestre.<sup>25</sup> E quando começou os estudos no Colégio, no Porto, os dois pólos de atração que lhe abriam o mundo eram “as janelas que davam para o jardim e os mapas que cobriam as paredes”.<sup>26</sup> Encontramos em *Mar novo*, um poema da memória desses dias no Colégio: “O mapa na parede desenhava / Verde e cor-de-rosa a geografia: / Aérea e dispersa eu vivia / No colo das viagens que inventava.” Na poesia e na prosa, mesmo que afirme que “são duas navegações diferentes”, acima de tudo é necessário viver para escrever.<sup>27</sup>

Em palavras inscritas em diários e cadernetas de viagens, a par da precisão informativa irrompe a todo o momento o registo poético (por exemplo, nas notas relativas a uma ida ao Louvre, a respeito da Vénus de Milo, entre indicações precisas sobre o pescoço e os pés da escultura surge um parêntese, uma impressão, como um verso: “– sorriso leve onde passa a sombra do desafio –”).<sup>28</sup> As imagens captadas comportam sempre um movimento amplificador. Como quando paramos diante do mar movente. Como no ritmo que move o poema. É essa a força que, na imóvel contemplação no museu, torna vivificante o encontro. A preciosíssima arte poética que é *O nu na Antiguidade Clássica* revela isso mesmo: “a nossa primeira aprendizagem da Grécia não começou em nenhum livro erudito”. A segunda edição deste livro apresenta um capítulo novo – “Os dois bronzes de Riace”. Numa viagem programada à Sicília com amigos (João e Ana Maria Bénard da Costa, Helena e Alberto Vaz da Silva) impôs-se uma paragem em Reggio di Calabria. Sophia escreveu num texto sobre esta viagem, depois da passagem por Roma: “No dia seguinte à tarde partimos para Reggio di Calabria para ver os ‘Bronzes de Riace’, as duas grandes estátuas de guerreiros que, em 1972, foram encontradas no mar da Calabria e que, para mim, eram o motivo fundamental da viagem. Já sobre elas tinha lido diversos textos e já delas tinha visto numerosas fotografias, sob todos os ângulos. Mas é preciso vê-las ao natural na sua dimensão, no seu espaço, na sua respiração, na força da sua matéria.”<sup>29</sup>

Creio que a viagem mais marcante e de mais fundas implicações poéticas na obra de Sophia foi a sua primeira ida à Grécia em 1963, na companhia de Agustina e Alberto Luís. Existem imensas referências (cartas, diários, memórias,

<sup>25</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “O meu Avó Thomaz de Mello Breyner”, *Estudos Anterianos*, n. 11/12, abr.-out. 2003.

<sup>26</sup> “O meu primeiro dia de aulas”, Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

<sup>27</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *Mar novo*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 35.

<sup>28</sup> “Diário de Viagem”, Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

<sup>29</sup> “Ida à Sicília: viagem”, Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

poemas) que testemunham o impacto deste encontro com o lugar. Mas essa viagem teve também um momento decisivo que foi a passagem por Itália, a qual se reflectiu claramente, em textos de Sophia, como por exemplo a publicação, no ano seguinte, de *O cavaleiro da Dinamarca*.<sup>30</sup>

Muitos anos mais tarde, o regresso a Veneza, em 1997, constituiria em vários planos uma importante revisitação (há inclusivamente interessantes depoimentos que dão conta desse impacto). Veneza conformará a expressão máxima da figuração de um momento do não-vivido, comportando em simultâneo uma dimensão resolutiva, no sentido da obstinada perseguição do um todo inteiramente vivido. Com Veneza como que se procurará dar voz a uma fugaz e interrompida paixão por um conhecido pianista checo de origem judia, de passagem por Portugal, Rudolf Firkušný, que Sophia conheceu num concerto no Porto, na sua juventude, e que lhe foi apresentado por Helena Sá e Costa (depoimento que me foi concedido nos anos 1980 por Alberto de Lacerda). A cidade italiana é um lugar que idealisticamente proporciona o acolhimento da expressão de vivências, encontradas e desencontradas. É o caso da peça *O colar*,<sup>31</sup> onde deparamos com uma belíssima materialização poética transposta para esse cenário. Luis Miguel Cintra, que acompanhou de perto a escrita da peça e dialogou com Sophia, leu-a admiravelmente. E com clareza disse que Vanina era uma projecção de Sophia jovem, assim como a Condessa Zeti era também Sophia nos últimos tempos.<sup>32</sup> Na curta peça inédita "Ana e Igor" (que me foi revelada por Maria Andresen), embora não existam enquadramentos espaciais referenciáveis, eu entrevejo o esboço daquilo que teve um desenvolvimento em *O colar*.

## VI

Na poesia e também na ficção de Sophia de Mello Breyner Andresen, impõe-se a presença de vastos espaços que incorporam a respiração ilimitada do universo. A clareira, lugar intenso e intensificador, é uma das expressivas figurações do poético, como processo, mas também como ponto de chegada. Entre tantos exemplos, destaco, nos contos para crianças, a clareira da alegria onde se realiza a festa, em *O rapaz de bronze*; no livro *A floresta*, a clareira como fecho libertador; ou na *A fada Oriana* e no *Cavaleiro da Dinamarca*, como culminação de processos iniciáticos.

<sup>30</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *O cavaleiro da Dinamarca*, Porto: Figueirinhas, s/d.

<sup>31</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, *O colar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

<sup>32</sup> Luis Miguel Cintra, Prefácio, in Sophia de Mello Breyner Andresen, *O colar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2003, p. 9-15.

E se o mar é entre essas presenças a assunção mais nítida das amplificações espaciais, relevem-se as extraordinárias formas de incorporação. Concretamente na casa, no poema. O espaço atento e o “silêncio imóvel” da casa tornam-se animados, quando “recebem em si a larga respiração oceânica que no quarto implanta seu tumulto ébrio e lúcido”.<sup>33</sup> É essa mesma respiração marinha que impregna ritmicamente o poema.

O fim último do poema, que se escreve por si mesmo, é fundir-se com a natureza – como o vento que se confunde com o mar ou com o poço, quando os rodeia, e passa a ter o mesmo rosto, o mesmo som. É o próprio recuo despersonalizador, que esvazia e conduz ao poema: lugar vibrante e aceso como o quarto irradiante da casa do mar, em que tudo se suspende e reflecte.

A unidade encontrada na casa do mar, “um mundo” que comporta “em seu redor grandes espaços vazios, tumultuosos e limpos onde tudo se abre e vibra”,<sup>34</sup> é a obsessiva busca do viver inteiro do poema. Esse é um dos princípios ordenadores da obra: seguir a linha onde os versos por si mesmo se escrevem. As leituras que convoquem a biografia implicam um diálogo com a proposição que a autora inscreveu nos versos de “Poema”, em *Geografia* (o que não pressupõe qualquer forma de sujeição ou limitação hermenêuticas): “A terra o sol o vento o mar / São minha biografia e são meu rosto”.<sup>35</sup> Por isso, Sophia persegue o princípio da despersonalização que comporta um vazio essencial e pleno: “Na realidade creio que todo o artista só consegue escrever na medida em que é capaz de inventar uma disciplina de despersonalização – na medida em que é capaz de se tornar uma página em branco, uma tela em branco ou o puro vazio de um silêncio total onde o poema a música ou o quadro se inscrevem eles próprios.”<sup>36</sup> Por isso é que na casa do mar, no centro do quarto onde as palavras se alinham, se destaca “em frente do espelho, um espaço livre como um palco onde a luz, o nevoeiro e os gestos dançam”.<sup>37</sup> Aí se aguarda que o poema acolha, em nitidez luminosa e sombra tumultuante, a vida toda vivida.

<sup>33</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “A casa do mar”, in *Histórias da terra e do mar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2013, p. 83.

<sup>34</sup> Id., p. 71.

<sup>35</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “Poema”, in *Geografia*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2014, p. 107.

<sup>36</sup> “Na realidade creio que todo o artista só consegue escrever” [incipit], Espólio Sophia de Mello Breyner Andresen.

<sup>37</sup> Sophia de Mello Breyner Andresen, “A casa do mar”, in *Histórias da terra e do mar*, Porto: Assírio & Alvim, 2013, p. 81-82.